

C A R O L E S T I V E R S

# CÓDIGO.

# MÃE.

Um romance que explora o que nos torna humanos – e as tênues fronteiras entre nós e as máquinas que criamos

 Planeta minotauro

C. A R O L E S T I V E R S

# CÓDIGO. MÃE

Um romance que explora o que nos torna humanos – e as tênues fronteiras entre nós e as máquinas que criamos

*Tradução*

Marcia Blasques

Copyright © Carole Stivers, 2020  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022  
Copyright da tradução © Marcia Blasques  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *The Mother Code*

*Preparação:* Pronto Comunicação  
*Revisão:* Giovana Bomentre e Ligia Alves  
*Diagramação e projeto gráfico:* Márcia Matos  
*Capa e ilustração de capa:* Douglas Lopes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Stivers, Carole

Código-Mãe / Carole Stivers; tradução de Marcia Blasques. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

288 p.

ISBN 978-65-5535-710-3

Título original: *The Mother Code*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I. Título II. Blasques, Marcia

22-1397

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# SUMÁRIO



Primeira parte 11



Segunda parte 145



Epílogo 285

# PRIMEIRA PARTE



Planeta minotauró

# CAPÍTULO 1

3 de março de 2054

COMOS TRENS DE POUSO recolhidos e as asas abertas, elas seguiram rumo ao norte em formação cerrada. Acima, o sol brilhava nos flancos metálicos, criando sombras amalgamadas sobre cumes e cristas na imensidão do deserto. Abaixo, apenas o silêncio – aquele silêncio primordial que acompanha tudo o que é perdido, tudo o que é desperdiçado.

A aproximação delas interrompia o silêncio. Cada grão de areia zumbia em sintonia com o barulho do ar que passava por seus dutos de ventilação. Criaturas minúsculas, arrancadas de um sono aquecido, esconderijos, presentindo sua chegada.

Então, parando para mapear arcos cada vez mais largos, as Mães se separaram, cada uma seguindo seu caminho. Rho-Z manteve a altitude, conferiu o computador de bordo e seguiu para o destino predefinido. No fundo do ventre, havia uma carga preciosa: a semente de uma nova geração.

Sozinha, ela se acomodou à sombra de um penhasco íngreme, abrigada do vento. Ali aguardou o pulsar viscoso de um batimento cardíaco. Esperou pelo tremor de um bracinho, pela torção de uma perninha. Registrava fielmente os sinais vitais, aguardando o início de sua próxima missão.

Até que, por fim, chegou a hora:

Peso fetal: 2,4 kg

Frequência respiratória 47::: Oxigenação 99%:::

Pressão sistólica 60 Pressão diastólica 37:::

Temperatura 36,8°C

DRENAGEM DO ÚTERO: Início 3:50:13. Fim 04:00:13

DESLIGAMENTO DO TUBO DE ALIMENTAÇÃO: início  
04:01:33, fim 04:01:48

Frequência respiratória 39::: Oxigenação 89%:::  
Pressão sistólica 43 Pressão diastólica 25

RESSUSCITAÇÃO: início 04:03:12, fim 04:03:42

Frequência respiratória 63::: Oxigenação 97%:::  
Pressão sistólica 75 Pressão diastólica 43

TRANSFERÊNCIA: início 04:04:01

O recém-nascido se aninhava no interior denso e fibroso do casulo. O bebê se contorceu, agitando os braços. Quando os lábios encontraram o mamilo suave da Mãe, um líquido rico em nutrientes encheu sua boca. Seu corpinho relaxou, já embalado por dedos elásticos aquecidos. Os olhos dele se abriram para uma suave luz azul, o contorno borrado de um rosto humano.

## CAPÍTULO 2

20 de dezembro de 2049

**Urgente/confidencial, Departamento de Defesa**

Dr. Said,

Requisitamos sua presença em uma reunião no quartel-general da CIA, em Langley, VA.

20 de dezembro de 2049, às 11 h.

 Prioridade máxima.  
Providenciaremos traslado.

Favor responder com urgência.

General Jos. Blankenship, Exército dos Estados Unidos

JAMES SAID REMOVEU O DISPOSITIVO do olho direito e o guardou na embalagem plástica. Puxou o flexfone do pulso, depois abriu o cinto e o colocou com os sapatos e a jaqueta na esteira. Com os olhos fixos no escâner óptico, passou pelo cordão de robôs de inspeção do aeroporto, os braços brancos finos movendo-se com eficiência por cada parte de sua anatomia.

Urgente. Confidencial. Em se tratando de comunicação militar, ele já havia aprendido a deixar um pouco de lado termos que antes considerava alarmantes. Mesmo assim, não pôde evitar um olhar furtivo para a área de segurança, como se esperasse que um homem usando uniforme militar se materializasse. Blankenship. Onde tinha ouvido esse nome?

Passou os dedos pelo queixo. Tinha se barbeado naquela manhã, expondo a marca de nascença escura logo abaixo da mandíbula – segundo



sua mãe, o lugar onde Alá o beijara quando nasceu. Sua aparência o traía? Achava que não. Nascido na Califórnia no feriado de 4 de julho, tirando escrupulosamente qualquer traço de religiosidade de seus hábitos, ele era tão americano quanto podia ser. Tinha a pele clara da mãe, a grande estatura do pai. Mesmo assim, de algum modo, assim que colocava os pés no aeroporto, sentia-se um inimigo. Mesmo que os infames ataques de 11 de Setembro tivessem precedido seu nascimento em treze anos, a Intifada de Londres de 2030 e os atentados suicidas no Aeroporto Reagan em 2041 mantinham viva, no Ocidente, uma suspeita contra qualquer um que parecesse muçulmano.

Quando o último robô lhe deu luz verde, James pegou seus pertences e pressionou o polegar no leitor da entrada dos portões de embarque. Na iluminação intensa e no agito do saguão, recolocou o dispositivo ocular e prendeu o telefone no pulso. Piscando três vezes para conectar os dois dispositivos, pressionou “responder” na tela do telefone e ditou baixinho para o aparelho.

— Estou pegando um voo para passar as festas na Califórnia. Preciso remarcar para depois de 5 de janeiro. Favor informar a pauta.

De cabeça baixa, passou apressado pelos painéis coloridos, com rostos bonitos que o chamavam pelo nome.

— James — cantarolavam as projeções —, já experimentou os novos e vigorosos sabores de Exo Tea? E o Queeze-Ease, para quem tem medo de altitude? E que tal o novo capacete Iso para voo da Dormo?

Odiava que os novos telefones divulgassem sua identidade, mas esse era o preço da conectividade nos espaços públicos. Na fila para comprar um café, atualizou o feed. Sorriu ao ver o nome da mãe.

A colheita vai começar. Estamos prontos para o Ano-Novo. Quando você chega?

Deslizando o indicador na pequena tela, localizou a reserva da companhia aérea e anexou-a na resposta.

— Olhe o anexo — ditou. — Diga ao papai que não precisa me buscar. Pego um táxi. Não vejo a hora de encontrar vocês.

Depois olhou os e-mails, marcando os compromissos no calendário on-line.

▣ Almoço na faculdade, 8 de janeiro.

▣ Seminário de pós-graduação, departamento de biologia celular e do desenvolvimento. Entregar resumo em 15 de janeiro.

■ Conferência anual de engenharia genética: novas fronteiras, novas regulações. 25 de janeiro.

James franziu o cenho. Nem sempre participava da conferência anual, mas naquele ano o evento seria em Atlanta, a poucas quadras de seu laboratório na Emory. Ele fora convidado para falar sobre o trabalho que realizava com engenharia genética no corpo humano, desta vez com o objetivo de curar fibrose cística no feto. Mas esses eventos patrocinados pelo governo tendiam a focar menos a ciência e mais a política, o que incluía o cenário instável do controle governamental sobre o novo material que tornava seu trabalho possível.

Mais de uma década antes, cientistas da Universidade de Illinois tinham desenvolvido um tipo de DNA nanoparticulado chamado “nanoestruturas de ácido nucleico” (NAN). Diferentemente do DNA nativo, linear, essas pequenas formas esféricas de DNA sintético penetravam a membrana de células humanas com facilidade e de maneira espontânea. Uma vez ali, elas conseguiam se inserir no DNA hospedeiro para modificar genes específicos. As possibilidades pareciam infinitas – cura não só para anomalias genéticas, mas também para toda uma série de cânceres até então intratáveis. Desde o instante em que ouviu falar das NANs, James – então pós-graduando em biologia celular na universidade de Berkeley – empenhou-se em colocar as mãos no material que podia tornar seus sonhos realidade.

A engenharia genética pré-implantação de embriões humanos tinha se tornado uma ciência madura: cuidadosamente regulamentada, com ferramentas bem características e virtualmente livre de efeitos colaterais encontrados com muita frequência no início. Da mesma maneira, testes para diagnosticar problemas no feto já em desenvolvimento, depois de implantados no útero, estavam disponíveis havia décadas. No entanto, se um problema fosse detectado, não havia como interferir em um feto com segurança. James estava convencido de que, com o uso das NANs, genes defeituosos poderiam ser reajustados no útero. Doenças geneticamente tratáveis, como fibrose cística, seriam erradicadas.

Ainda assim, havia obstáculos a serem superados, tanto técnicos como políticos. Essa era uma tecnologia que poderia ser perigosa nas mãos erradas, por isso a Universidade de Illinois fora obrigada a entregar todas as patentes ao governo federal, e o Fort Detrick, base militar em Maryland, a noroeste de Washington, mantinha a maior parte das pesquisas sob sigilo rigoroso.

James sentia falta da Califórnia. Sentia falta de Berkeley. Todo dia tinha que lembrar a si mesmo que mudar-se para Atlanta fora a coisa certa a fazer. O Centro de Terapia Genética na Emory era a única instituição pública com acesso às NANs.